

Prospectiva (Frutal).

Denis Bernardes lições, exemplos e ensinamentos.

Otávio Luiz Machado (Org.).

Cita:

Otávio Luiz Machado (Org.) (2013). *Denis Bernardes lições, exemplos e ensinamentos*. Frutal: Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/editora.prospectiva.oficial/78>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Otávio Luiz Machado (org.)



Denis Bernardes: lições, exemplos e ensinamentos

Com textos de: Elimar Nascimento, Emília Maria Mendonça de Moraes, Fernando Lima, Gilvaldar Monteiro, Marco Mondaini, Otávio Luiz Machado e Severino Vicente da Silva

**EDITORA
PROSPECTIVA**

Otávio Luiz Machado
(Organizador)

**Denis Bernardes: lições,
exemplos e ensinamentos**

Frutal-MG
Editora Prospectiva
2013

Copyright ©2013

by **Otávio Luiz Machado**

Machado, Otávio Luiz (org.). **Denis Bernardes: lições, exemplos e ensinamentos**– Frutal: Prospectiva, 2013.

ISBN: 978-85-67463-05-6

1. Educação – Biografia. 2. Memória Histórica. 3. Formação Cidadã; 4. Trajetória.

CDU316.6:378.4

CONTATOS/Editora Prospectiva:

CARTA PARA: Caixa Postal 01. CEP: 38.200-000. Frutal-MG

FONE: 55 (34) 9668-9575

E-MAILS: otaviomachado3@yahoo.com.br **ou** otaviomachado3@gmail.com

BLOG: <http://editorapropectiva.blogspot.com>

TWITTER: <http://twitter.com/otaviomachado3>

FACEBOOK: <http://www.facebook.com/profile.php?id=100000003300640>

Agradecemos a todos os autores que nos autorizaram a compor seus textos, imagens e relatos no presente livro. Sem o trabalho coletivo aqui desenvolvido a nossa homenagem ao Professor Denis Bernardes ficaria incompleta e imperfeita!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 07

DENIS BERNARDES

Fernando Lima 12

**DENIS BERNARDES EM MINHA
VIDA**

**Severino Vicente da Silva (Biu
Vicente) 23**

**DÊNIS BERNARDES: A DOR PELA
PERDA DE UM MESTRE**

Marco Mondaini 28

**ALGUMAS PALAVRAS A DENIS
BERNARDES, POR NOSSA
GRANDE AMIZADE, INICIADA
DESDE 1969**

**Emilia Maria Mendonça de Moraes
..... 33**

**UMA HOMENAGEM AO
PROFESSOR DENIS BERNARDES**
Otávio Luiz Machado 36

**DENIS BERNARDES, CIDADÃO
E HUMANISTA**
Gilvaldar Monteiro 40

**A AÇÃO POPULAR NO
MOVIMENTO UNIVERSITÁRIO
DO RECIFE NOS ANOS 1960: UM
SIMPLES DEPOIMENTO**
Elimar Nascimento 51

INTRODUÇÃO

O trabalho de compilação de diversos textos que tratam da figura humana de Denis Bernardes começou como parte de uma homenagem que gostaria de fazer ao amigo, excelente colega e referência ética que temos dele desde o período em que o conhecemos até o seu falecimento prematuro.

A primeira homenagem pública que fiz a Denis Bernardes ocorreu um artigo publicado no Jornal do Commercio de Recife, cujo editor Ivanildo Sampaio acolheu com muita atenção e respeito. A segunda, que foi num evento no auditório do Centro Acadêmico do qual Denis estava ligado (o CCSA da UFPE), foi uma pequena fala que somou-se às demais pronunciadas na ocasião.

Depois desse momento, aos poucos pensamos em ampliar para um balanço

da obra e da vida de Denis Bernardes, pois assim teríamos numa mesma oportunidade as lições, exemplos e ensinamentos de alguém que ensinou tarefas intelectuais fundamentais a muitos que conviveram com ele.

O trabalho em andamento começou a tomar corpo, tendo como grande motivação a celebração da memória de Denis Bernardes, que continuará presente mesmo sem sua presença física, terá frutos mesmo sem a sua orientação cotidiana junto a nós através de sua pessoa em vida. Aqui se encontra só uma parte das nossas novas homenagens ao Denis Bernardes.

A difusão junto aos mais diversos públicos vai tornar esse livro uma leitura essencial para os que querem ter conhecimento de como construir uma rede de cooperação/colaboração tão bem sucedida durante muitos anos sob a liderança de Denis Bernardes.

No conjunto dos textos temos autores que não foram só amigos de Denis, mas também admiradores e parceiros em muitos momentos de suas vidas.

Com exceção do texto do Professor Elimar Nascimento (texto produzido em 2007 e que trata da militância de muitos que combateram a ditadura civil-militar), os demais foram todos produzidos em momentos bem próximos à notícia da perda de Denis Bernardes, sendo assim marcados pela emoção, pela falta de palavras para expressar o que se queria num momento de muita dor e com muita sensibilidade à figura humana e excepcional do nosso homenageado.

Como a primeira obra publicada em homenagem ao amigo Denis Bernardes, também não podemos deixar de registrar que falamos de um precioso acadêmico que nos deixou no auge de sua carreira. Não é só um amigo que perdemos. Mas uma referência viva!

Como primeira obra no formato de coletânea da Editora Prospectiva, na qual sou o editor, também trazemos aos leitores uma obra que perpassa não somente uma trajetória resumida (que num primeiro impulso pudemos levantar e construir), que é o que deixamos para as futuras gerações, o que certamente Denis Bernardes aprovaria e aplaudiria.

Ao trazermos Denis para junto de nós – seus amigos e parceiros – numa obra como a que apresentamos, então fica o gesto singelo de que continuaremos sempre lutando por um Brasil melhor, uma universidade humana e a cumplicidade das pessoas para que juntos possamos promover a emancipação humana.

Numa outra oportunidade ainda faremos outros trabalhos que possam difundir a obra e o ideário de Denis Bernardes, cujo exemplo e lições merecem ser conhecidas pelas futuras gerações.

São pouquíssimas pessoas que me arriscaria a chamar de gênio. Denis seria uma delas.

Como Denis está na lista das principais figuras que colaboraram comigo na UFPE – no mesmo patamar da minha orientadora do Mestrado em Sociologia Silke Weber –, a obra apresentada é também uma demonstração de gratidão, de elevação de sua importância naquilo que conseguiu fazer em prol do progresso da ciência, da formação dos estudantes e da publicização do conhecimento produzido na universidade.

Denis é uma pessoa que fazia a diferença quando se aproximava e colaborava com alguém. Era uma pessoa do bem!

Boa leitura!

Professor Otávio Luiz Machado
Organizador

DENIS BERNARDES¹

Fernando Lima²

No fecho de uma das obras-primas de Bergman, O sétimo selo, a morte conduz o séquito das suas vítimas recortadas na linha do horizonte. Seguem-na, os mortos, enfileirados e dançando. Dançam uma dança solene rumando para a escuridão irreversível. A cena é narrada por um obscuro artista ambulante. À luz do amanhecer, descreve a cena para sua mulher que traz o filho pequeno ao colo.

A visão do narrador se dilui quando a mulher sensatamente observa: você e suas fantasias... E se vão puxando a carroça através dos campos desertos da vida. Cito de memória, daí a omissão das aspas.

Foi a morte de Denis Bernardes, no último sábado, 1 de setembro, o que me

¹ Fonte:

<http://fmlima.blogspot.com.br/2012/09/denis-bernardes.html>

² Professor do Departamento de Ciências da UFPE.

induziu a evocar o filme e a cena acima descrita com as tintas borradas da memória. Quem conhece o filme sabe que é uma luta entre o cavaleiro medieval (Max von Sydow) e a morte. A luta se trava na forma de uma partida de xadrez. O cavaleiro é um jogador exímio, um adversário refinado na arte do jogo, que é o jogo da vida, mas sabemos que está fadado à derrota. Pois quem teria gênio, astúcia e poder para dobrar a Inescapável nesse longo e fatal combate que contra ela travamos?

Setembro chegou privando-me, sem aviso prévio, de mais um dos grandes amigos de minha vida. O primeiro, Daniel Lima, morreu em abril. Com sua imaginação irreverente, Daniel habituou-se nos últimos anos do nosso convívio a aludir à morte como a Magra Caetana. Na visão do saltimbanco do filme de Bergman, ela lidera o séquito dos mortos portando a foice e a ampulheta. Nunca conversei com Denis, a sério ou

brincando, sobre essa figura mítica e aterradoramente real. Lembro-me de que falamos com muito humor da velhice.

Meu último encontro com ele e Gildo Marçal foi com certeza o mais divertido de tudo que com ambos compartilhei. Entramos a falar da vida e da velhice com a imaginação transfigurada pela magia do vinho tinto (que Gildo há muito estava proibido de beber e por isso nos acompanhava com a sobriedade lúdica dos viciados em Coca-Cola) e daí fantasiei nosso internamento numa clínica geriátrica em tom bem mais delirante do que o da personagem de Bergman descrevendo a Magra Caetana e seu séquito dançando rumo à escuridão definitiva.

Além da beleza da cena que encerra o filme de Bergman, achei belo fantasiar meus amigos Daniel e Denis somando-se ao séquito da morte dançando como crianças. Ambos reverteram, fatalidade dos que morrem, à escuridão que ata os

dois extremos de nossa passagem por este mundo: a escuridão do útero, de onde brotamos, e a escuridão do desconhecido, obra da foice e da ampulheta empunhadas pela Magra Caetana. Nada me custa imaginar Daniel saltitante, dançando a dança incontornável da morte. Custou-me um pouco figurar Denis despedindo-se da vida e dos que o amam, e aqui ficam, seguindo as pegadas dionisiacas de Daniel, a este dando uma mão, a Gildo a outra, enquanto mergulhavam na escuridão que doravante nos separa.

A memória involuntária, entretanto, astuta como a Magra Caetana no jogo de xadrez da vida, salta do fundo do meu inconsciente e repõe na luz transparente do dia uma cena de certo carnaval de Olinda. De repente, me vi na folia ao lado de Denis, Rita, Marjorie e Natan Sarmiento. Logo que Denis e Rita casaram, depois de um namoro que começou no meu apartamento, o casal

Marjorie e Natan a ambos somou-se criando uma espécie de confraria de farras de fim de semana. Participei de poucas, duas ou três, mas foi o suficiente para avaliar o quanto se ligaram através dos elos profundos da amizade feita de convívio alegre e festivo. Até onde pude perceber, esse foi o momento mais feliz da vida de Denis. A partir de então, nossa amizade encolheu e foi recuando para encontros esparsos e ocasionais. Outros amigos bem mais importantes entraram na sua vida.

De uns dez anos para cá, diria que são eles, não eu, que melhor poderiam pronunciar-se sobre Denis, sobre fatos e experiências que mais profundamente vincaram seus últimos anos de vida.

Mas a imagem do carnaval que brotou do meu inconsciente traduz algo do espírito festeiro de Denis, avesso das suas características mais notáveis, aquelas que moldavam as linhas de um temperamento introspectivo, não raro

dissimulado atrás de muitas portas inacessíveis. O Denis que aqui reponta, em plena folia do carnaval de Olinda, é o folião fantasiado como Dom Quixote, galopando um cavalo de fantasia escudado por seu fiel Sancho Pança, Natan Sarmiento.

Poucas vezes me diverti tanto no carnaval de Olinda seguindo-os rua afora na caça dissimulada, mas sempre sintomática, das mulheres lindas enfeitiçadas por esse circo colossal, esse delírio da imaginação coletiva que é o carnaval. Essas impressões me marcaram de forma tão profunda que na mesma tarde, recolhendo-me momentaneamente da folia, comecei a compor um longo poema intitulado Carnaval de Olinda. Por isso tomo a liberdade de abaixo transcrever os versos inspirados nas fabulosas aventuras que a fantasia carnavalesca os impeliu a desatar pelas ruas coloridas de Olinda:

De repente, um homem magro e recluso

*se transfigura em Quixote erra pelas ruas
perseguido mulheres
belas e atormentadas pela falta de amor ou
pura carne.*

*Outro homem, um que fazia concursos e
que já foi comunista
agora se chama Sancho e é louco qual o seu
amo.*

*Mulheres vão libertando
que vivam o que desviveram.
A virtude atirem contra o diabo
que o corpo será dos homens,
amém.*

São essas as memórias e imagens que quero reter nesta crônica dedicada a Denis Bernardes. Já que não era Bernardo, mas Bernardes, ficam aqui implícitos os muitos que foi. Outros com certeza melhor diriam sobre a obra de historiador que produziu, tão pouco conhecida. Mas o fato de Evaldo Cabral de Mello, um dos maiores historiadores brasileiros, distingui-lo com referências

elogiosas a seu O Patriotismo Constitucional: Pernambuco, 1820-1822, sugere um pouco do que esta obra representa para o estudo do processo histórico complexo, e ainda pouco estudado, da nossa independência.

Outros ainda, a maioria, poderiam opinar sobre sua vida de professor e pesquisador. Outros sabem melhor da coerência discreta com que militou em nome de causas e movimentos políticos temperados por sua presença sempre admirável no seu timbre de tolerância e civilidade, no senso de virtude agregadora que assinalava sua participação em muitos grupos intelectuais e políticos.

Alguns amigos comuns ocasionalmente me falavam nos últimos tempos de um Denis transformado por experiências dolorosas associadas à doença e circunstâncias privadas alheias ao nosso convívio direto, que se estendeu, com as interrupções

inevitáveis, de 1974 à época em que casou com Rita de Cássia, sua segunda mulher.

Depois disso nossos encontros foram sempre, como acima salientei, esparsos e ocasionais. Costumo dizer que a amizade é o privilégio da intimidade. Tive a ventura de compartilhar isso com Denis e alguns poucos, pois amizades autênticas não se fazem nem perduram em redes sociais ou no circuito volátil das festas e reuniões sociais. E a intimidade é por natureza inconciliável com a exposição.

Denis foi dos raros dotados de um senso não somente ético e político, mas também temperamental, nitidamente discriminativo da fronteira entre vida pública e vida privada, entre o privilégio da intimidade, expressão maior da amizade, e a vida pública.

A propósito, conviria religá-lo neste ponto a Daniel Lima. Ato assim, por mero arbítrio associativo, as duas pontas da crônica, já que comecei juntando-os num mesmo parágrafo e agora volto a

reuni-los para concluir a crônica. Foram ambos homens afortunados, pois tinham o dom de se fazer amar. Embora tão distintos em termos de personalidade e temperamento, desfrutaram sempre do privilégio de serem bem amados, de preservarem amizades fiéis ao longo da vida.

Até onde sei, essas amizades essenciais se prolongaram até à linha fatal onde foram colhidos pela Magra Caetana portando sua foice e sua ampulheta. Um dia, nós que aqui ficamos e lhes preservamos a vida que sobrevive na memória e nos ritos simbólicos que atualizam no tempo os que partiram, um dia seremos também colhidos pela Inescapável. Tudo que desejo (que mais desejar em face da necessidade?) é que ambos, Daniel e Denis, tenham partido dançando de mãos dadas com Gildo Marçal, Paulo Medeiros e tantos outros que já percorreram a linha irreversível da vida. Tudo que desejo é também saber

dançar a dança da morte, que se aprende na vida, no momento em que a foice e a ampulheta sobre mim descerem.

Recife, 3 de setembro de 2012.

DENIS BERNARDES EM MINHA VIDA³

Por Severino Vicente da Silva
(Biu Vicente)⁴

Vamos nos fazendo aos poucos, no tempo entre o nascimento e a morte. Não somos nunca de maneira definitiva e, somos a cada momento de nossa formação receptáculos da ação de muitos com que convivemos no tempo que nos é dado. Desses contatos, às vezes profundos, na maioria das vezes pouco mais que alguns momentos com certas pessoas são capazes de nos influenciar sobremaneira. Sempre penso nisso quando de alguma maneira tocam em meus ouvidos as palavras Denis Bernardes.

Morava em Nova Descoberta, onde cresci desde os quatro anos de idade, quando conheci Denis. Foi algum tempo

³ Fonte: <http://www.biuvicente.com/blog/?p=1642>

⁴ Professor do Departamento de História da UFPE.

depois da grande cheia de 1965 e, Dom Hélder Câmara havia iniciado a bela Operação Esperança com a motivação de organizar as populações que sofreram as grandes chuvas e a cheia do Rio Capibaribe.

Em Nova Descoberta, jovem de quinze anos, misturava-me aos mais velhos na tarefa de organizar os dados das famílias sem casa e distribuir o material de construção para o reerguimento das casas nos morros e nos córregos. Desse trabalho surgiu o primeiro Conselho de Moradores, ali em Nova Descoberta. E foi um aprendizado, uma faculdade, pois começamos a receber jovens universitários que nos auxiliavam e nos ensinavam enquanto viviam conosco a beleza do aprender enquanto se faz e respeitando o conhecimento que já se possuía. Estudantes de medicina, de psicologia, sociologia, direito frequentavam o bairro e nossa casa. Eram muitas conversas, por

exemplo, como a atual presidente do Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco, a psicóloga TCampelo, hoje aposentada após anos de docência na UFPB. Mas além desses que participaram da invenção da liberdade com os jovens e adultos de Nova Descoberta nos anos sessenta através da presença institucional da Operação Esperança, havia outros.

Morando em casa próxima à Subida da Colina dos Andes, dois jovens estudantes tornaram-se foco de atenção dos jovens ligados à Operação Esperança e aos grupos da Igreja Católica. Um deles eram Rubem e Denis Bernardes. Apenas moravam lá e mantinham a porta da casa sempre aberta para quem quisesse entrar, ouvir música, conversar. Fui levado àquela casa por Carlos Brito, hoje, creio, já aposentado como Juiz. Conversamos pouco e voltei duas ou três vezes. Foi assim que recebi o livro História do Brasil de Armando Souto Maior para preparar uma aula. Meses depois do AI 5. Nunca

devolvi o livro que ainda está na minha estante. As decisões que tomamos e as decisões dos outros nos afastam dessas pessoas que nos ensinam. Mas, aprendemos, que ensinar é ser capaz de afastar-se para que o outro caminhe na direção da sua vida e não na direção do ensinante. Anos depois encontro Denis Bernardes professor de História na UFPE, mas não em História. Coisas da Academia e dos acadêmicos.

Denis Bernardes com a singeleza dos gestos, comedimento nas palavras criou novas maneiras de interpretar o Recife. Seus artigos continuaram as conversas que tínhamos, eu menino de 18 anos e séculos de planos para o mundo, ele, o professor informal a indicar o caminho mais profundo para entender o Recife que nós dois amamos. Fui honrado em participar de algumas bancas acadêmicas ao seu lado. Tatiana Portela deu-me a oportunidade de, ao lado de Denis e na companhia de Manuel Correia de

Andrade, discutirmos sobre Joaquim Nabuco, em um belo e premiado documentário.

Meu professor e amigo Denis Bernardes deixou conosco uma obra inspiradora a ser continuada. Todos os que convivemos com ele sabemos que nos fará falta. Mas todos sabemos que ele continuará conosco, pois somos imortais nos amigos que deixamos.

DÊNIS BERNARDES: A DOR PELA PERDA DE UM MESTRE⁵

Por Marco Mondaini⁶

Da minha geração nordestina dos anos 1960, Dênis Bernardes era seguramente o mais talentoso (Gildo Marçal Brandão).

Escritas no ano de 2006 pelo cientista político e professor da Universidade de São Paulo, Gildo Marçal Brandão, as palavras da epígrafe acima explicitam o reconhecimento da grandeza intelectual do grande mestre que acaba de nos deixar, quando da publicação daquele que seguramente é o seu livro mais brilhante: O patriotismo constitucional: Pernambuco, 1820-1822.

5

FONTE:

<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1500>

⁶ Professor das Pós-Graduações de Serviço Social e Comunicação da UFPE.

Alagoano como Dênis, a morte do amigo Gildo, em 15 de outubro de 2010, aos 61 anos, causou-lhe uma profunda dor, uma dor proporcional àquela que todos nós – alunos, professores e técnicos – da Universidade Federal de Pernambuco, que tivemos a oportunidade de conhecê-lo mais de perto, sentimos em ocasião do seu falecimento neste 1º de setembro, aos 64 anos.

Historiador de uma erudição ímpar, Dênis foi um intelectual que, como poucos, soube fundir inteligência e generosidade. Todos os relatos feitos durante a sua despedida, no auditório João Alfredo, na Reitoria da UFPE, nesta triste manhã de domingo, procuravam reconhecer tal fusão. Porém, de todos os emocionados testemunhos, é impossível não destacar aquele feito pela filha da trabalhadora doméstica que, incentivada por Dênis, em meio à sua biblioteca olindense, chegou, anos depois, à

universidade, tornando-se graduada e pós-graduada.

De fato, tal depoimento revela por inteiro o compromisso ético-político deste historiador que, alinhado ao que de melhor existe no campo do pensamento crítico, optava por dar destaque em suas ricas análises às rupturas e transformações sociopolíticas ao invés de enfatizar a força modorrenta das permanências e continuidades de longa duração, o que o levava a sempre desconfiar das investigações que enfatizavam, em suas conclusões, a potência da inércia histórica, as amarras temporais responsáveis pela reprodução social. Por isso, para Dênis, as lutas políticas travadas por Frei Caneca e Gervásio Pires, no contexto da Revolução Pernambucana de 1817 e da Confederação do Equador de 1824, não poderiam deixar de ser realçadas com vigor pelo discurso historiográfico.

Daí, por outro lado, a sua preocupação crescente com a história dos direitos, em particular com o desenvolvimento histórico da “proteção social nas constituições brasileiras” – título da disciplina por ele criada e ministrada no Departamento de Serviço Social, há alguns anos.

Finalizo a presente nota, neste momento em que a perda do mestre ainda causa uma forte dor, deixando que ele mesmo expresse aquela que foi a sua grande utopia, num dos seus últimos escritos. Então, num prefácio dedicado à memória do amigo Gildo, com o significativo título “O projeto de uma humanidade livre da miséria”, escrito para um livro meu publicado no final de 2011, o historiador que fez da inteligência generosidade afirmava que:

O projeto de uma humanidade livre da miséria, da fome, da exploração, das injustiças, da ignorância esteve

presente ao longo da história e, felizmente, ainda não desapareceu do seu horizonte [...]. Pois esta é uma luta na qual o passado é uma referência fundamental, contudo, jamais encerrada e ainda presente.

Pois bem, uma das maneiras de manter viva a memória desse homem que tanto se engajou no resgate e preservação da memória histórica em nosso país talvez seja dar continuidade à luta por esse projeto. Com isso, por muito tempo ainda, poderemos exclamar: Dênis, presente!

ALGUMAS PALAVRAS A DENIS BERNARDES, POR NOSSA GRANDE AMIZADE, INICIADA DESDE 1969⁷

Por Emilia Maria Mendonça
deMorais⁸

Todos nós sabemos por que estamos aqui hoje; todos nós recebemos e desfrutamos a dádiva da presença, da atenção e da amizade de Denis. Ele foi, sobretudo um amante da justiça e, muito particularmente, da beleza, cuja fome podemos saciar sem contra-indicações ou efeitos colaterais. Guardemos sobretudo isso dele porque vivemos em um tempo que nem mais reconhece esses valores como vitais. Corremos o risco de nos

⁷ Recife, 02 de setembro de 2012. Fonte:

<http://movimentosjuvenisbrasileiros1.blogspot.com.br/2012/09/opiniao-algumas-palavras-denis.html>

⁸. É Professora aposentada da UFPB.

contentarmos com muito menos; menos que a justiça, muito menos que a beleza.

Denis foi também um amante da alegria! Por tudo isso, relembro algumas das palavras que encerraram o discurso de Guimarães Rosa quando tomou posse na Academia Brasileira de Letras: "A gente morre é para provar que viveu". E como Dênis viveu!

Disse ainda Guimarães Rosa:

"Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!" (...) As pessoas não morrem, ficam encantadas". Logo em seguida, concluiu: O mundo é mágico. Vamos dar, aqui e agora, movidos pela saudade e pela esperança, um crédito de confiança ao poeta: se nós ainda estamos vivendo neste mundo, é só porque nós mesmos ainda não nos tornamos encantados; mas, se este mundo é mesmo mágico, então, nós todos estamos vivendo sob muitos sortilégios e encantamentos.

Por isso eu pediria: apesar de toda a nossa tristeza por sua ausência, que nós nos nutríssemos, a partir deste instante, do doce encantamento que foi desfrutar da amizade de Denis.

UMA HOMENAGEM AO PROFESSOR DENIS BERNARDES⁹

Otávio Luiz Machado¹⁰

Ao receber a notícia do falecimento do Professor Denis Bernardes, que era ligado ao Departamento de Serviço Social da UFPE, também fiquei bastante entristecido, porque via nele uma das pessoas mais sensíveis e comprometidas com o desenvolvimento educacional e científico do Brasil, sem contar a figura humana que cativava a todos que o conheciam.

Quando começamos a pensar nele após esse triste episódio, o que nos alenta é que ele deixou vasta obra, sem contar o seu exemplo e as lições que deixa como acadêmico e pessoa, pois conseguiu

⁹ Uma versão reduzida desse texto foi publicada no Jornal do Commercio, em Recife. A versão integral do texto está aqui: <http://movimentosjuvenisbrasileiros1.blogspot.com.br/2012/09/uma-homenagem-ao-professor-denis.html>

¹⁰ É Professor universitário, editor e pesquisador.

contribuir com a formação de inúmeras pessoas ao longo de várias décadas e ensinar tarefas intelectuais fundamentais. A simplicidade de Denis Bernardes não contrastava com o seu status acadêmico invejável. Era um dos que soube fundir vida pessoal, vida acadêmica e projetos futuros. Não erra arrogante e nem ficava por aí tentando mostrar a si mesmo de forma vangloriosa, porque deixou marcas que não se apagarão, além de ser uma figura que se superava a cada novo desafio.

Em 2010, também recebemos o convite dele para escrever um artigo coletivo sobre juventudes para a Revista Estudos Universitários da UFPE, na qual ele era o editor. No mesmo ano tivemos a participação dele num seminário nacional que organizamos na UFPE sobre os jovens.

Em seguida participamos juntos da Conferência sobre Tecnologia, Cultura e Memória (CTCM) no Instituto Brennand.

Num dos dias da atividade saímos de lá juntos e fomos conversando até a UFPE, inclusive trocando experiências das atividades que tínhamos interesses em comum.

Também me encontrei com eles várias vezes quando fazia alguns registros do cotidiano da universidade, no qual ele incentivava falando de sua importância e apontando o ineditismo da nossa iniciativa. O último contato que tive com ele aconteceu dias atrás, quando Denis enviou uma mensagem pelo correio eletrônico me parabenizando pelo artigo GREVE: A GERAÇÃO ANOS 1970 NO COMANDO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. Foi a última vez que trocamos uma mensagem e alimentamos um convívio intelectual intenso.

Há dois anos atrás o nosso grupo fez um vídeo com ele, inclusive para registrar e buscar difundir o trabalho dele a partir da UFPE. Ele falou sobre sua

formação e o que vinha desenvolvendo na ocasião:

<http://www.youtube.com/watch?v=lZwyJcWy9p0>

O que se busca nesse momento é a tranquilização das pessoas para que supere essa irreparável perda, ao mesmo tempo em que a UFPE e tantas outras instituições façam as devidas e merecidas homenagens ao grande Denis Bernardes. O próximo trabalho que vou publicar será dedicado a ele. Nesse momento além do que já disse, também cabe dizer uma última coisa. Boa viagem, Denis!

DENIS BERNARDES, CIDADÃO E HUMANISTA

Por Gilvaldar Monteiro¹¹

A notícia recebida dizia do falecimento, em 1º de setembro, aos 64 anos, acometido de grave enfermidade, do professor Denis Antônio de Mendonça Bernardes, do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. O corpo estava sendo velado no auditório João Alfredo, na Reitoria da UFPE, onde receberia as homenagens póstumas e honras acadêmicas do corpo docente e dos discentes. Estavam presentes representantes de organizações sociais populares de Recife e Olinda, todavia, o sepultamento ocorreria em Maceió, sua cidade natal, em meio a seus amigos e familiares.

¹¹ É funcionário público federal, escritor e professor universitário.

Presentemente, a tristeza antecipou as lágrimas tanto para mim quanto para Alba Correia. A emoção não me permitiu falar de Brasília ao telefone com o Dr. Diógenes Bernardes, seu tão querido irmão, para manifestar meus sentimentos à família enlutada.

Sinceramente, guardava em mim, a esperança de reencontrá-lo pessoalmente ainda nesse ano, como já o fizera em maio e julho em casa de Naia Freitas, uma querida amiga comum. Lá, conversamos longamente sobre sua atividade atual na editoria da Revista Estudos Universitários da UFPE e seus projetos de consultoria junto ao CNPQ. Em tudo isso, expressava tranquilidade invejável e as expectativas positivas na concretização de seus projetos, mesmo em face de seu delicado estado de saúde. Em seguida, retomou a ênfase na temática das lutas políticas de Frei Caneca e Gervásio Pires na Revolução Pernambucana de 1817 e na

Confederação do Equador de 1824 que deveria ser rigorosamente estudada. Atento à minha formação jurídica, discorreu sobre a história dos direitos humanos e sociais, lembrando ser titular da disciplina acadêmica proteção social nas constituições brasileiras, aliás, criada e ministrada por ele no Departamento de Serviço Social da UFPE.

Lembro ainda o encontro de maio, quando partilhamos a ideia de que o ser mais ameaçado da natureza é o ser humano pobre, condenado pelo nosso sistema social mundializado que exclui quase 2/3 da população mundial. Discutimos a afirmação de Leonardo Boff - “a lei suprema do universo é a da cooperação de todos com todos e a da solidariedade cósmica, porque tudo tem a ver com tudo.” Foram tardes agradáveis e iluminadas essas que passamos juntos.

A Reitoria da UFPE, ao publicar Nota, enfatizou que “Denis Bernardes dedicou

toda a sua vida acadêmica à UFPE, onde iniciou a sua formação de historiador e era professor desde 1975. Lecionou e pesquisou no Departamento de Economia e, posteriormente, no Departamento de Serviço Social. Fez o mestrado na Sorbonne-França e o doutorado em História Social na Universidade de São Paulo. Em suas mais recentes pesquisas, vinha se dedicando à relação entre memória, informação e sociedade. O professor era o atual editor da Revista Estudos Universitário da UFPE.”

Leio em manchete de jornal eletrônico: o deputado Luciano Siqueira (PCdoB) ocupou a tribuna da Assembleia Legislativa de Pernambuco para registrar seu pesar pelo falecimento do professor, pesquisador e historiador Denis Bernardes, da Universidade Federal de Pernambuco.

Lembrei-me de Luciano jovem em Recife num encontro regional de cultura

popular patrocinado pelo MEC, na década de 60. Ele trabalhando como voluntário no MCP - Movimento de Cultura Popular e eu também voluntário do MEB - Movimento de Educação de Base da Arquidiocese de Maceió, já envelhecido na foto publicada na imprensa, e, agora, se manifestando da tribuna do legislativo, afirmando: “era um partícipe ativo da luta democrática e também da construção de um pensamento avançado sobre a Região e sobre o país, no âmbito da UFPE.

“É, portanto, uma perda muito grande para o pensamento acadêmico, para a interpretação da nossa vida, da nossa gente, da nossa realidade, o falecimento do professor Denis Bernardes. E eu perdi um grande amigo”, lamentou encaminhando requerimento à Mesa Diretora da Assembleia Legislativa no sentido de que aquela Casa de Leis manifeste voto de pesar oficial pelo falecimento do professor.

Aliás, amizade construída desde os tempos das lutas de política estudantil na União dos Estudantes Secundaristas de Alagoas-UESA, de passagem pela Juventude Estudantil Católica - JEC, juntamente com Gildo Marçal, José Bernardes Neto, Jailton Balbino, Nádia Fernandes, Tânia Vasconcelos, Luciano Laurindo Cerqueira, Naia Freitas, André Pereira Leite, e outros tantos.

Denis, secundarista, cujo brilho de inteligência e o comprometimento com a luta dos mais pobres veio se manifestar no amadurecimento em sua vida profissional na academia, pela sua trajetória exemplar reconhecida nos depoimentos de inúmeros professores, alunos, ex-alunos e funcionários da universidade e outros atores sociais.

Ao ler essa NOTA, permito-me dizer, senti-me profundamente feliz, pelo reconhecimento público alcançado por ele. “Recife, 03 de setembro de 2012. O Programa de Pós-Graduação em

Desenvolvimento Urbano - MDU/UFPE expressa sua admiração e respeito pelo trabalho do grande mestre Denis Bernardes. Sua participação sempre constante nas orientações e bancas examinadoras marcou com enorme competência a formação de mestrandos e doutorandos, engrandecendo assim as pesquisas em curso no programa. Exímio pesquisador relatava os fatos com a força de um espírito inquieto e apaixonado pela busca do conhecimento revelando extrema sensibilidade que transbordava de sua alma de entusiasta da causa histórica e urbanística.

A emoção presente em suas palavras ficou e ficará por muito tempo nas salas de aula como exemplo de dedicação, estímulo e bravura. Fica desse sentimento a frase de Mário Quintana: “O tempo não pára! Só a saudade é que faz as coisas pararem no tempo...”. A Coordenação.
Maria Ângela de Almeida Souza
Coordenadora do PPGMDU Ana Rita Sá

Carneiro Vice-Coordenadora do PPGMDU” (1)

Em 5 de setembro de 2012, leio no Blog do Professor Marco Mondaini: “Da minha geração nordestina dos anos 1960, Dênis Bernardes era seguramente o mais talentoso (Gildo Marçal Brandão). Escritas no ano de 2006 pelo cientista político e professor da Universidade de São Paulo, Gildo Marçal Brandão, as palavras da epígrafe acima explicitam o reconhecimento da grandeza intelectual do grande mestre que acaba de nos deixar, quando da publicação daquele que seguramente é o seu livro mais brilhante: O patriotismo constitucional: Pernambuco, 1820-1822.

Alagoano como Dênis, a morte do amigo Gildo, em 15 de outubro de 2010, aos 61 anos, causou-lhe uma profunda dor, uma dor proporcional àquela que todos nós – alunos, professores e técnicos – da Universidade Federal de Pernambuco, que tivemos a

oportunidade de conhecê-lo mais de perto, sentimos em ocasião do seu falecimento neste 1º de setembro, aos 64 anos.

Historiador de uma erudição ímpar, Dênis foi um intelectual que, como poucos, soube fundir inteligência e generosidade. Todos os relatos feitos durante a sua despedida, no auditório João Alfredo, na Reitoria da UFPE, nesta triste manhã de domingo, procuravam reconhecer tal fusão. Porém, de todos os emocionados testemunhos, é impossível não destacar aquele feito pela filha da trabalhadora doméstica que, incentivada por Dênis, em meio à sua biblioteca olindense, chegou, anos depois, à universidade, tornando-se graduada e pós-graduada. "(...) (2)

Para mim, repito, bastaria ler essa parte da Nota do ilustre prof. Marco Mondaini, para me sentir profundamente feliz em ser um amigo e admirador de Denis por tanto tempo.

Por fim uma recordação. Ele me cobrava, de quando em vez, até por telefonema de Natal, e Gildo Marçal também, lembrando o início da caminhada em nosso tempo de Ação Católica dos anos 60, a declamação do texto de Nietzsche, na tradução poética de L. Boff (2000): “Antes de prosseguir em meu caminho e lançar

O meu olhar para frente uma vez mais,
elevo, só, minhas mãos a Ti na direção de quem eu fujo.

À Ti, das profundezas de meu coração,
tenho Dedicado altares festivos para que,
em cada momento,

Tua voz me pudesse chamar

Sobre esses altares estão gravadas em
fogo estas palavras:

“ Ao Deus desconhecido”.

Seu, sou eu, embora até o presente tenha
me associado aos sacrílegos.

Seu, sou eu, não obstante os laços que me
puxam para o abismo

Mesmo querendo fugir, sinto-me forçado
a servi-lo
Eu quero Te conhecer, desconhecido.
Tu, que me penetras a alma e, qual
turbilhão,
Invades a minha vida
Tu, o incompreensível, mas meu
semelhante, quero
Te conhecer, quero servir só a
Ti.Nietzsche.(3)

FONTES

(1)

<http://www.facebook.com/CressPE.Oficial>

(2) In. Dênis Bernardes (1948-2012), de Marco Mondaini & Fernando da Mota Lima- Setembro 2012.

(3) In. Tempo de Transcendência, de Leonardo Boff. 2012.<http://www.acesa.com/gramsci/>.

A AÇÃO POPULAR NO MOVIMENTO UNIVERSITÁRIO DO RECIFE NOS ANOS 1960: UM SIMPLES DEPOIMENTO¹²

Elimar Nascimento¹³

A memória é uma vilã. Traidora por excelência, revela algumas coisas e esconde outras. Nossas lembranças não correspondem exatamente aos fatos; por vezes, os mais importantes se vão, e os menos importantes, detalhes insignificantes, ficam e persistem. As memórias aqui escritas não são distintas. Registro apenas o que me ocorre, sabendo que coisas mais importantes estão esquecidas, e por isso, não se revelam. E escrevo com dúvidas atroz, se não cometo injustiças. Nomes por vezes centrais nos eventos somem, enquanto outros, não tão importantes continuam

¹² Depoimento à Otávio Luiz Machado. Já publicado em livro.

¹³ É professor da UnB.

vida a fora. A memória tem sua própria lógica, e uma certa aleatoriedade, creio.

Entrei na Ação Popular (AP) em 1964 pelas mãos de Rui Frazão, quando ainda era estudante secundarista. Estudava no Colégio Estadual de Pernambuco, pela noite, e pertencia a equipe regional Nordeste da Juventude Estudantil Católica (JEC), onde ingressei no final de 1963. Desta equipe lembro-me bem de Luiz Gonzaga, que depois foi para a equipe nacional com Betinho, Cláudio, que morava em Olinda e que é um dos criadores da Procenge, e Luciano Cerqueira, de Alagoas, professor na UFPe. Os que não eram de Recife moravam na rua dos Coelhos, na “Casa dos Permanentes”. A dos rapazes de um lado da rua, e a das meninas do outro, pouco mais à frente. Depois, a partir de 1964/1965, chegaram Valdi Dantas, de Natal, hoje no Ministério do Trabalho, um dos maiores especialistas do País em crédito popular; Denis Bernardes, de

Maceió, intelectual respeitado no Recife e outras plagas, e Tito de Alencar, de Fortaleza, que se suicidou em Paris, depois de uma prisão de longas torturas. Tito queria se dedicar aos outros por meio da religião, era um místico. Juntou-se aos dominicanos em São Paulo onde foi preso e torturado, pouco antes da morte de Marighela. Nunca conseguiu se libertar da tortura depois que saiu da prisão. Foi para a França. Cheguei a encontrá-lo em Paris por lá umas duas vezes. Mas quem me dava mais notícias dele era seu grande amigo, Denis Bernardes, que fazia pós-graduação em História. Seu amigo e confidente.

Com a chegada desses novos componentes fui saindo de JEC e entrando na AP, acompanhado apenas por Valdi. Denis e Tito guardaram simpatia e certa aproximação, mas nunca foram militantes efetivos, se não me falha a memória. E Luciano partilhava pouco de nossas idéias.

Entrei na JEC na realidade em Porto Alegre onde vivi seis anos, entre os 10 e 15 anos. E quando cheguei no Recife, descobri um militante da JEC na minha turma. Não sei como ocorreu, mas as pessoas ficaram impressionadas como o identifiquei pela maneira de falar. No Recife a JEC, naquele ano de 1963, era ligada, ao Grupão, nome que se dava e eles também se davam, de um grupo de jovens católicos que se reuniam em Colégio do Recife, e eram muito ligados ao Padre Melo. Ocupavam uma posição de direita em relação à Ação Católica que vivia próxima da Ação Popular. De certa forma, eles ocupavam o lugar da direita de Marco Maciel e cia. Eles procuram representar uma terceira força no movimento secundarista, entre a AP e o PCB. Nunca tive muita simpatia pelo grupo ou pela JEC do Recife, embora tenha feito alguns amigos entre eles. Pareciam-me “reacionários” e um pouco arrogantes. Entre eles estava Luciano

Coutinho, professor na Unicamp. Permaneci na JEC porque os membros da equipe regional, que também não tinham simpatias pelo Grupão, me recrutaram. Era final de 1963. Não fazia nem um ano que havia chegado no Recife. Assim, me tornei membro da equipe de direção da JEC do nordeste sem ter praticamente pertencido a qualquer equipe de base, por circunstâncias que me ultrapassavam.

Rui Frazão era uma pessoa que nos encantava a todos, por sua inteligência e elegância. Nós éramos secundaristas e ele já era universitário, da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Pernambuco . Já havia sido preso e havia se portado com coragem. Isso para nós era a mais forte indicação de heroísmo. Rui era quase um herói. Como depois foram Luciano Dourado e Ruth Cartaxo, ambos da Juventude Universitária Católica (JUC). Esta, pertencente também ao MEB, onde a conheci juntamente com

Oscar, militante ou simpatizante da AP, mas militando entre os profissionais e não no meio estudantil. Luciano, o reencontrei em Paris como membro da equipe internacional da JEC. Juntos fomos a Portugal em férias, com nossas famílias. Não sei como a polícia podia nele ver um “elemento perigoso”, era um santo, incapaz de qualquer violência.

Ainda na equipe regional de JEC entrei na Escola de Belas Artes, para fazer o curso de teatro – formação de ator, em 1965. Era um curso que não exigia o ensino médio. Desta forma, me tornei secundarista e universitário ao mesmo tempo. E, por esta razão, fui ao Congresso da UNE em 1965, em São Paulo, e acabei apaixonado por minha futura mulher, Cristina. Mas esta é outra história, uma bela história. O fato de ter ido para o Congresso da UNE me deu um rápido prestígio na AP.

Isso me permitiu também uma aproximação com o pessoal da JUC, onde

nunca ingressei. A aproximação devia-se em grande parte, porque alguns senão todos os seus membros da direção regional e/ou local (Telmo Araújo, Paulo Figueiredo, Jurandir Freire, Luciano Dourado, Telma Cidade, Clara Germana e Teresa Campelo) eram da AP, senão militantes, pelo menos grandes simpatizantes.

A AP, na época, detinha o controle do movimento estudantil em quase todo o País. Tinha o controle da UNE. Aliás, manteve o controle mesmo após o golpe de 1964, quando o seu Presidente era José Serra, que se exilou. O mesmo, porém, não ocorria em Pernambuco, onde o Partido Comunista Brasileiro (PCB) era forte, e a direita, de Marco Maciel, tinha tradição. Nela militavam jovens aguerridos que depois se transformaram em políticos relevantes na província e fora dela, como Sérgio Guerra e Gustavo Krauze. Com suas contradições internas,

evidentemente. Um mais ao centro, outro mais à direita.

Lembro-me que por ocasião da formação da chapa do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFPE em 1965, existiam três forças, e a maior e mais importante era a do PCB. Nós da AP tínhamos apenas o Diretório de Belas Artes, e participávamos dos diretórios de Engenharia, Medicina, Arquitetura, Serviço Social e Ciências Sociais, mas sem deter o controle. Acabamos fazendo uma aliança com o PCB, que detinha a cabeça da chapa, mas nós conseguimos o secretário geral. Por pouco tempo. Pouco depois a Ditadura cassou todo mundo e dissolveu o DCE.

Assim como ocorreu com a JEC, logo ascendi na AP e em um ano já era da sua direção estudantil e, em seguida, da direção Municipal. Cristovam Buarque era um dos dirigentes do comando regional nessa época, assim como Aldo Freire, morto em Paris em 1974.

Na direção do movimento estudantil partilhava do comando com José Faria, da Escola de Engenharia, e José Carlos Moreira Melo, de Medicina, que depois foi para a direção da UNE. Faria hoje é professor na UFRJ, e, José Carlos, médico psiquiatra em São Paulo. Eram pessoas maravilhosas naquela época e até hoje os admiro. Jose Carlos com maior liderança de massa, e Faria com liderança mais interna.

Sob essa direção, a AP se organizou entre 1965 e 1966. Ganhou raízes na UFRPe, com o Presidente da Escola de Veterinária, José Geraldo, e na Católica, particularmente na psicologia, economia, filosofia e jornalismo. E ampliamos nossa presença na UFPE, em Serviço Social, Arquitetura, Medicina, Engenharia, Química etc. Em 1967 a AP se tornou uma força equivalente a do PCB no movimento estudantil universitário em Pernambuco, superando-o no ano seguinte. É verdade que as divisões

internas no PCB ajudaram, assim como a saída do movimento estudantil de alguns de seus principais líderes, como Roberto Freire. Da maioria do PCB, se não me engano, nasceu o PCBR. Mas eles tinham líderes importantes, e respeitados, como Airton e Cândido de Engenharia.

Entre 1966 e 1968 a AP foi uma das maiores forças de mobilização no movimento estudantil de Pernambuco. Dirigiu a maior parte das manifestações de rua, passeatas e comícios no centro do Recife. Conseguíamos, então, subir os morros para sensibilizar a população mais pobre da cidade, assim como, os mascates do centro do Recife velho. Chegamos a ter parte da direção do DCE, sob a direção de Abdias Vilar de Carvalho, com participação de Carmem Chaves, Rosa, Marco Burle, entre outros. Era uma chapa de composição, AP e PCBR.

Com o recrudescimento da Ditadura em final de 1968 (após o Ato Institucional

No 5, de 13 de dezembro), o movimento interno de integração na produção (iniciado ainda em 1966), a conversão ao maoísmo, o distanciamento da Igreja e, em seguida, divisões internas, levaram a que também a AP perdesse força. Em 1972, finalmente, a maior parte de seus militantes ingressaram no Partido Comunista do Brasil. Movimento que na realidade começara ainda em 1971.

Lembro-me que em São Paulo, já em fase de afastamento da organização, como a chamávamos, fui procurado por Zé, como era conhecido Drummond, para participar do movimento de aproximação e fusão com o PC do B (na época ainda não era claro o que ocorreria). O que o levava a me procurar era a falsa impressão que ele tinha de que eu era simpatizante do PC do B, pelo simples fato de, em Fortaleza, ter promovido uma chapa comum para o DCE local, sob direção de João de Paulo, do PC do B. Na época lembrei-lhe que havia sido alvo de

crítica de membros da direção nacional, inclusive dele. E como antes estava enganado, não tinha feito a aliança porque tecia simpatias pelo PC do B, mas porque era a única forma de participarmos da direção do DCE. Afinal, fazem-se alianças com forças diferentes, e em função de circunstâncias concretas e objetivos específicos. Achava na época o PC do B muito dogmático e pouco consistente teoricamente.

A integração na produção foi um movimento interno da AP para superar a falta de enraizamento existente no âmbito da classe operária e do campesinato. Assim, jovens estudantes, em geral universitários, mas também profissionais liberais eram convidados a se empregarem em fabricas, habitarem bairros populares ou mesmo ir viver com os camponeses. Evidentemente que este movimento terminou por afastar da organização muitos de seus militantes que não acreditavam neste procedimento

ou não estavam dispostos a tanto sacrifícios. E retirou outros do movimento estudantil, como eu e Cristina, antiga vice-presidente do diretório de Belas Artes. Betinho escreveu um belo relato a respeito de sua experiência de sua integração na produção. No entanto, lembro-me de alguns, poucos é verdade, que conseguiram o feito da conversão. A persegui de 1968 até 1972 em Paris, quando trabalhei em uma fábrica. Finalmente cheguei a conclusão - demorada, não tem dúvidas - de que se queria estudar e dedicar-me aos estudos teria que abandonar a fábrica. O sonho do intelectual operário era apenas um sonho.

Na verdade, em 1969 é todo o movimento estudantil que se arrefece e se radicaliza, com as ações armadas. As classes médias começam a voltar para a casa, encantadas com o milagre econômico que começa, enquanto as

ações armadas de assalto à banco e seqüestro de embaixadores ganham destaques. Em 1969 ou 1970, participar de ações de protesto estudantil contra a Ditadura era uma temeridade, e poucos aceitavam este desafio. Com a morte dos principais líderes armados entre 1969 (Marighela) e 1971 (Lamarca), a esquerda urbana, e de classe média, era derrotada.

Vivi o movimento estudantil universitário do Recife entre 1965 e início de 1968. Mas em circunstâncias distintas, como distintos foram os momentos políticos. Um foi o momento de 1964/1965 com Castelo Branco, em que se podia fazer protestos sem arriscar a vida, pelo menos os estudantes. Outro momento foi o de 1966/1968 com Costa e Silva, em a luta se acirrou e os militares no poder caminharam mais para a direita.

Foram quase quatro anos, pois em fins de 1967 ingressei no comando

regional da AP, e comecei a fazer trabalho com outros segmentos sociais.

Primeiro, com populações dos bairros pobres do Recife, pois poucos meses já antes saíra de minha casa e fora morar em um casebre em Iputinga e, depois de casado, em 1968, no Vasco da Gama, com Valdi e Tarcísia. Minha primeira casa em bairro popular, quando tinha 20 anos, era um quarto de chão batido, uma rede, uma mesa com duas cadeiras e uns paus que saíam da parede, servindo de guarda roupa. Saía de um apartamento de três quartos em plena praça do Carmo em Olinda, de onde via o mar.

Depois, em um segundo momento, fui trabalhar com camponeses na zona da mata de Pernambuco. Toda semana pegava um ônibus para me reunir com camponeses. Lia para eles trechos de Mao Tse-Tung, contava-lhes minha versão da história do Brasil e discutíamos como resistir aos “latifundiários”. Saía no final da tarde do Recife e voltava no dia

seguinte. Morto de fome. Até hoje me recordo com saudades dos cafés da manhã que tomei no Cais de Santa Rita: um prato de inhame com um bife magro e muita graxa por cima, e um copo de café preto. Não devo suportar hoje, mas naquela época eram adoráveis.

O que me atraiu na AP foi a proposta de uma revolução nacional, própria, pois quando nela ingressei já conhecia a revolução russa e chinesa por leituras, assim como, o caminho das guerrilhas cubanas. Nenhum dos três modelos me parecia conveniente para o Brasil.

Em relação a Cuba, o fato de sermos 67 vezes maior me parecia uma diferença significativa. Éramos não apenas um país continental, em face de uma ilha, mas uma sociedade relativamente complexa, urbana e industrial, frente a uma sociedade praticamente rural.

Quanto a China havia as enormes diferenças conhecidas entre as sociedades Ocidental e Oriental. A China era um

mar de camponeses, praticamente sem indústrias, estranha a religião cristã, ao passado colonial, à escravidão. Nada tinha a ver com o Brasil.

E, finalmente, em relação à Rússia, havia também a diferença de grau de desenvolvimento e, sobretudo, de circunstâncias históricas. Em 1917 a Rússia era um imenso país agrário, enquanto nós éramos um país nos transformando em urbano e industrial em 1965. Depois, no caso da Rússia, tinha havido a conjuntura da Primeira Guerra Mundial, a derrota e enfraquecimento do governo, enquanto nos anos 1960, vivíamos a Guerra Fria, sob as asas do imperialismo norte-americano.

A AP me surgia como uma proposta própria, adequada às nossas características, sem modelos externos. O mimetismo colonial me incomodava muito, e ele parecia presente nos outros partidos como o PCB (PCBR) e o PC do B. Embora não tivesse lido ainda Darcy

Ribeiro e pouco Celso Furtado, partilhava de suas idéias, e a AP me parecia o instrumento ideal. O desafio para criarmos um modelo de sociedade por meio de um caminho próprio, a revolução brasileira, para lembrar Caio Prado Junior, uma de nossas maiores referências na época.

Aliás, se a sociologia tinha os seus três clássicos – Marx, Dirckheim e Weber – nossa formação histórica tinha os seus: Caio Prado Junior, Wernecker Sodré e Celso Furtado.

Depois, havia a aproximação com a Igreja Católica, e ela me parecia parte integrante e essencial da formação de nossa história e nossa personalidade. A religião evitava os estigmas de ateísmo que pairavam sobre os comunistas, embora tenha me distanciado da fé cristã desde 1968. Mesmo sem ser mais religioso, percebia que era prático sermos conhecidos como próximos da Igreja Católica. Não podemos esquecer que 90%

de nossa população era católica na época. Os evangélicos ou protestantes eram minorias extraordinárias. Em nada parecido com os dias de hoje.

Não sei se tinha estas idéias sobre AP naquela época ou as forjei depois, ao largo do tempo. Afinal, vendo de hoje, éramos extremamente ignorantes da correlação de forças existentes, da natureza intrínseca da Ditadura e do dinamismo econômico em que o País ingressava. Ignorávamos de fato o que era o nosso País. Acreditávamos, porém, que poderíamos derrubar a Ditadura, fazer o País voltar a democracia, e iniciar o processo de criar uma sociedade mais justa, mais humana, menos desigual. Odiávamos o capitalismo, e não nos agradava o socialismo real imperante na URSS. Éramos chamados a criar um outro caminho. Que não era o “solidarismo” ou o foquismo, era um outro, ainda não existente.

Depois, meio exilado em Paris, descobri que a ignorância que tínhamos era partilhada pelos maiores intelectuais, que analisavam a Ditadura como algo passageiro e a retomada do crescimento econômico impossível em livro datado de 1966, em que constavam nomes como Weffort, Cardoso e Furtado, entre outros.

Éramos, os militantes estudantis da AP, todos possuídos de um forte idealismo, de um louco voluntarismo e de uma utopia extraordinária. E, sobretudo, imaginávamos conhecer o mundo. Lembro-me que ainda secundarista era constantemente convidado a ir falar sobre “Realidade brasileira” em outros colégios, fazendo análise de nossas estruturas sócio-econômicas e da conjuntura nacional e internacional, não sei com que leitura nem informações. Certamente poucas, pois não tinha nem 20 anos, mas, definitivamente, com muitas certezas. Na época era um “homem de certezas”, o

que contribuiu para a minha ascensão na AP. Somos todos deuses ou semideuses quando temos 18 ou 20 anos. Temos pouquíssima idéia de nossos limites. Acreditamos que somos capazes de tudo e mais alguma coisa. Nada, absolutamente nada, era obstáculo suficientemente sério e importante para nos dirimir do trabalho militante. Liderávamos o movimento contra a Ditadura e estávamos certos que tínhamos forças de colocar os militares para fora do Poder. Não nos dávamos conta de nossa monumental ingenuidade.

Tivemos vários líderes intelectuais que nos influenciaram na AP daquela época, que já havia ultrapassado a fase do hegelianismo católico do *Documento de Base*, de Mounier, Maritain e Padre Lebret. O *foquismo*¹⁴ de Régis Debray

¹⁴ Expressão que vem da teoria do foco guerrilheiro pregado por Régis Debray a partir de sua experiência e leitura sobre a revolução cubana, na qual um grupo de jovens de classe média havia tomado o poder. O que podia se repetir em outras partes da América Latina. Já que o proletariado quase não existia e o campesinato era muito frágil, restavam os estudantes de classe média.

havia tido um sucesso relâmpago, que logo se apagou, como fogo de palha.

Um dos intelectuais mais importantes, naquele período, entre 1965 e 1968, foi Louis Althusser¹⁵. Eu me tornei um de seus “tradutores”, pois aparentemente havia compreendido o que significava a diferença entre a prática e a teoria, incluindo a prática teórica. Lembro-me que Faria falava-me, sabiamente, como era de seu costume, sempre modesto e pertinente, com muita desconfiança desse autor.

O mais importante intelectual revolucionário para os militantes da AP daquela época, porém, foi Mao Tse-Tung, quando em 1968 a organização, como era chamada, se converteu ao maoísmo. Li tudo que caía na minhas mãos, inclusive

¹⁵ Louis Althusser, professor na Ecole Normale Superior, foi um intelectual francês da corrente do estrutural-marxismo que muita influência teve na América Latina durante os anos 1960. Escreveu entre outros: *Lire Le Capital*. Depois, internado em uma clínica psiquiátrica, após ter assassinado a mulher, declarou que nunca leu mais do que o primeiro volume do Capital.

os “cinco textos mais lidos”, entre os quais se incluía o de Norman Bethune, história de um médico canadense que havia morrido servindo aos camponeses nas zonas de libertação dos comunistas chineses. Era o exemplo de dedicação, como o *velho tonto*, era o da persistência. Os li muitas vezes em reuniões noturnas com camponeses da zona da mata de Pernambuco e depois com operários em Fortaleza e camponeses na Serra de Ibiapaba, na fronteira com o Piauí. O que mais me impressionava é que havia camponeses que entendiam perfeitamente o espanhol, língua em que estavam escritos os livros que tinha.

Os textos mais importantes, porém, eram os “Da prática”, “Da Contradição” e “Da contradição no seio povo”.

No pátio da antiga FAFIPE (Faculdade de Filosofia de Pernambuco, então localizada ao lado da Fábrica da Fratelli Vita), e provavelmente em todos os outros pátios da UFPE, UFRPE,

Universidade Católica e FAFIRE (Faculdade de Filosofia do Recife), passávamos horas discutindo sobre a revolução e a forma de a construirmos.

Um de nossos militantes, Netovitch, se preparara diuturnamente para a revolução fazendo ginástica, tomando leite, evitando farras. As meninas de Serviço Social - Telma, Célia, Rosali, Vitória, Helena, Marialva - eram de uma dedicação extraordinária. Corajosas e destemidas no enfrentamento da polícia. A mim elas encantavam com a paixão que despejavam na militância. No pátio da Católica ingressávamos pela madrugada em reuniões, preparando passeatas, visitas aos bairros populares e panfletagens na cidade, particularmente na Avenida Guararapes na hora da saída do trabalho, as 18:00.

Em uma dessas manifestações, talvez em mais de uma, camelôs e feirantes vieram se juntar aos estudantes, em um trabalho do qual participava Valdi.

Lembro-me que uma das vezes chegou a notícia de que a polícia havia cercado a Católica e esperava que saíssemos para nos prender. Era cerca de meia noite, e estávamos em reunião preparando uma manifestação para o dia seguinte. Indicaram-me, então, um caminho de saída. Pulei um muro para uma casa vizinha e caminhei pelo muro mais duas casas até chegar a uma residência de uma simpatizante nossa que, prevenida, já nos esperava e nos abrigou naquela noite. Escapei de muitas prisões assim, por acaso, por informações de amigos ou conhecidos. A polícia não invadiu a Católica graças à intervenção de Dom Helder que se interpôs entre a Universidade e a polícia.

Dom Helder era um aliado, mas muito desconfiado de um certo ateísmo que já grassava nas fileiras da AP. Marcava também um pouco de distância por achar a organização muito radical. Embora não falássemos de luta armada

de maneira clara, ele sabia que havia forças entre nós impulsionando para preparar a guerrilha rural, como de fato veio a acontecer depois do ingresso da maior parte da AP no PC do B¹⁶.

O movimento estudantil era muito aberto e dele não participava apenas militantes organizados, havia simpatizantes de organizações e outros estudantes, que se mobilizavam, mas se comprometer com qualquer organização de esquerda.

A polícia tinha muitos infiltrados entre os estudantes e como conversávamos muito, deveria possuir muitas informações sobre quem era quem, quais os líderes etc. Não sei muito da qualidade dessas informações, mas imagino que não eram sempre das melhores. Em geral os infiltrados não eram pessoas muito inteligentes e havia muitos boatos. Ora fulano era

16

Digo a maior parte mas não tenho estatísticas que comprovem tal afirmação, retrata apenas uma impressão.

simpatizante do PCB, ora era do PC do B ou mesmo da POLOP. Havia um murmurinho constante.

A AP no meio estudantil organizava-se por núcleos, espécie de células, conforme as escolas ou faculdades. No período em que atuei no movimento estudantil o centro nevrálgico ficava entre a Faculdade de Direito, passando pela Escola de Engenharia e de Economia na rua do Hospício, em seguida pela FAFIRE na Avenida Conde da Boa Vista, para acabar no final desta avenida onde ficavam a Geologia, o Serviço Social e a Arquitetura. Mas o centro de confluência era entre a FAFIPE e a Católica, perto da *Fratelli Vita*, fábrica de refrigerantes da época. O Campus da UFPE na Cidade Universitária apenas começava e a UFRPe ficava longe, em Dois Irmãos. Afora estas, com alguma expressão, existiam apenas a Escola de Ciências Médicas e a Politécnica, ligadas

posteriormente denominada de Universidade Estadual de Pernambuco.

As reuniões do movimento estudantil eram normalmente na FAFIPE (ou na Católica), neste período. Mais concretamente no refeitório, no caso daquela, que era aberto ao pátio interno. Eram reuniões de lideranças, abertas a qualquer estudante (ou não). Nelas discutíamos a conjuntura nacional e internacional, decidíamos sobre posições a tomar, notas a publicar, greves a decretar ou manifestações a realizar. As manifestações eram ou comícios internos, normalmente na Católica, ou passeatas no centro da cidade.

No caso das passeatas, marcadas no final da tarde e início da noite para pegar o pessoal saindo do trabalho, a polícia tomava conta da cidade. Nós marcávamos um local, todos se dirigiam para lá e, de repente, alguém começava a falar, outros a distribuir panfletos no meio do povo, normalmente na Avenida

Guararapes, onde a concentração de pessoas era maior.

Quando a Ditadura foi se radicalizando chegamos a levar bolas de gude ou molotov para as ruas, sob protesto do sempre moderado PCB. Era a forma de enfrentarmos a polícia. Sempre alguns de nós, como Carlos Eduardo (Cadoça), um dos líderes do PCB e hoje um dos políticos de expressão em Pernambuco (atualmente deputado federal)), ou Abdias Vilar de Carvalho (Bidu), da AP, eram presos. No início passava-se no máximo uma noite na cadeia. Depois, as coisas pioraram, e começaram as torturas e mesmo assassinatos ou tentativas, como a de Cândido, então presidente da União Estadual dos Estudantes, e ligado ao PCBR. A UEP foi fechada em 1966 e só a reabrimos em 1968. Durante este período ficou nas mãos de uns estudantes de direita, ligados ao Comando de Caça aos Comunistas (CCC).

Não me lembro quantas células ou melhor, núcleos, a AP tinha entre 1966 e 1968 no movimento universitário em Recife, nem quantos militantes, talvez entre 40 e 60. Lembro que estávamos presentes, e bem, em Medicina, Serviço Social, Belas Artes, Ciências Sociais e Engenharia na UFPe. Um pouco em Economia, Arquitetura, Geologia, Química e História Natural nesta Universidade.

Não conseguíamos entrar em Direito, um reduto dos comunistas e da direita. Éramos em contrapartida bastante presentes na Católica e, razoavelmente, na UFRPe e FAFIRE. Mas as escolas que mais pesavam eram, evidentemente, Medicina (já na Cidade Universitária), Engenharia, Direito e Ciências Sociais. Mas para nós Serviço Social era a diferença.

A AP gozava de prestígio entre os padres e movimentos religiosos mais avançados, um pouco no meio de

profissionais liberais de esquerda e mesmo entre pessoas da classe média mais escolarizada. Mas fora desses meios não me parece que fosse muito conhecida. Havia alguns militantes secundaristas, entre os quais Eudes, Ana Santa Cruz, Marco Melo, Tadeu e meu irmão, Elzimar. Mas também um tal de Hugo, que depois passou para o lado da polícia e entregou muita gente, inclusive o colega com o qual morava em São Paulo (já em 1972), Silvio Batusanski, hoje ligado ao PSDB e durante algum tempo secretário de Paulo Renato, quando ministro da educação no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso.

José Carlos Moreira Mello, de Medicina; José Geraldo da UFRPe e Abdias Villar de Carvalho (Bidu), nas Ciências Sociais, eram nossos maiores líderes de massa. Telma Cidade se destacava entre as mulheres. Eu falava também nas manifestações, mas como pertencia à direção, havia um certo

cuidado para não se expor em excesso, e uma certa proteção. Que por sinal pouco funcionava. Muitas vezes tive que sair da Católica protegido pelo pessoal Trotkista, entre os quais se encontrava meu amigo Sergio Buarque.

Havia também o pessoal que estava na retaguarda, e jogava um papel muito importante, como Célia Uchoa de Serviço Social, José Farias da Engenharia, Silvio Batuschanschi das Ciências Sociais ou Jurandir Freire da Medicina. E, certamente, muitos outros que hoje não me lembro mais.

Após o golpe de 13 de dezembro de 1968, com o AI 5, a Ditadura se recrudesceu e nossos heróis ganharam outros nomes: Valdi Dantas e Abdias Vilar de Carvalho das Ciências Sociais, Bartolomeu de Química e Marco Burle e Luciano Siqueira de Medicina. José Carlos havia seguido para UNE.

Casado, fui para o Ceará, me integrar, com minha mulher, nas lutas

camponesas, onde permanecemos um ano. Começávamos outra história, que terminou por nos levar a São Paulo, e depois ao exílio em Paris e África.